

OBSERVATÓRIO DA FRAUDE**Presos à realidade**

A realidade tem uma característica que a torna incontornável – ela impõe-se por si só...



António João Maia

O Eurostat revelou há poucos dias os valores das taxas de natalidade registados em 2013 no conjunto dos países europeus – http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/3-10072014-BP/EN/3-10072014-BP-EN.PDF.

Portugal, que nos anos 60 apresentava taxas próximas dos 25 nascimentos por cada 1000 habitantes, tem vindo a apresentar valores anuais tendencialmente mais baixos. A partir de 2006 passámos para valores abaixo dos 10 nascimentos por cada 1000 habitantes, e, de acordo com os dados agora revelados, registamos mesmo, em 2013, o valor mais baixo de entre todos os países da União Europeia, com uma taxa de natalidade de 7,9.

Esta evolução tem seguramente inúmeras explicações, que compreendem desde logo, pelas mais variadas razões, a opção assumida por muitos casais jovens a não quererem ter filhos. Também o contexto de crise profunda em que estamos mergulhados, que tem reduzido drasticamente o quadro de expectativas que permitam assumir com algum grau de certeza opções e responsabilidades que devem estar associadas à paternidade, será seguramente outro factor explicativo para esta evolução.

O problema porém – e esta é verdadeiramente a razão pela qual trouxe hoje este tema à reflexão – é que com a subsistência desta tendência – e o quadro de crise em que vivemos aponta precisamente nesse sentido – a pirâmide etária dos portugueses vai ficando gradualmente mais desequilibrada, traduzindo-se num envelhecimento gradual da população, com os consequentes efeitos daí resultantes, de que se deve destacar desde logo a questão da redução do número de pessoas em idade activa, a terem de suportar os custos relativos aos apoios de âmbito social dos mais velhos. Se lhe adicionarmos ainda a questão dos compro-

missos relativos aos elevados valores de endividamento externo do país, que, como temos vindo a sentir, são por si só de grande importância, dado o efeito quase estrangulador que apresentam sobre a capacidade de desenvolvimento da nossa economia, rapidamente nos apercebemos que o futuro daqueles que agora nascem se apresenta já, só com estes factores, com alguma com-

plexidade, antevendo-se mesmo tempos e padrões de vida com maiores dificuldades.

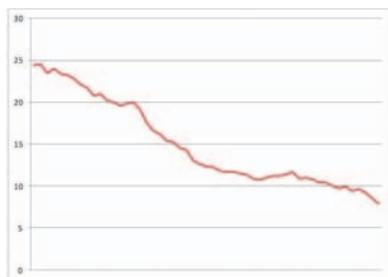
E esta realidade, que é muito objectiva e que se traduz simplesmente na redução constante dos valores das taxas de natalidade, é, em si mesma, um elemento de importância fundamental que não pode, nem deve, de modo algum deixar de ser considerado no quadro de desenho de estratégias e de políticas públicas para um desenvolvimento social sustentado.

Este é, quer queiramos, quer não, um elemento a que não se pode fugir dada a sua força determinante para o nosso futuro colectivo. É que a realidade tem uma característica que a torna incontornável – ela impõe-se por si só...

Por isso, por estarmos presos a esta realidade, importa que sejamos capazes de reequacionar, na devida razão, todo o enquadramento da nossa existência social e económica, ainda que se traduza – já se está a traduzir – em sacrifícios, de modo a não deixarmos para as gerações futuras questões demasiado limitadoras da qualidade de vida a que legitimamente têm direito.

Jornalista

TAXA DE NATALIDADE REGISTADA PELO EUROSTAT PARA PORTUGAL DESDE 1961 ATÉ 2013 – VALORES POR 1000 HABITANTES



Fonte: Eurostat – <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/eurostat/home/>;



Taxa de natalidade em Portugal não pára de diminuir

SESSÕES CONTINUAS

LAURO ANTÓNIO

Eles falam, falam...

Vivemos numa sociedade muito interessante. Que nada tem a ver com outras que a antecederam não há muito. Quem passou por épocas de brutal despotismo lembra-se de cadeias, torturas, censura, perseguições, assassinatos (em pequena ou larga escala) que o poder estabelecido infligia a quem a ele se opusesse. Eram tempo de tiranos com rosto, de polícias políticas, de tribunais de excepção, de campos de concentração, de lápis azul, de bordoadas na rua e de resistências mais ou menos heróicas.

Hoje em dia o poder não está no rosto de quem o diz exercer. Vagueia lá nas alturas, no éter, é imagem digital, fazendo parecer o Big Brother, o de Orwell, uma imaginação de outros tempos. Com resultados idênticos, mas com métodos muito mais sofisticados. O poder não precisa da violência física de outrora. Manobra a seu belo prazer uma autoridade subterrânea e indizível que se impõe por caminhos ínvios. Não precisa de ideologias, ou serve-se delas para as desautorizar. O poder está nas instituições financeiras transnacionais, globais. É completamente ridículo acusar o capitalismo dos EUA, quando na China os princípios são os mesmos, e só numa ou noutra vetusta Coreia do Norte os ditadorzinhos esbracejam a sua alarvidade. Hoje os ditadores são outros, no mundo dito “civilizado”. Permitem a “livre opinião”, não perseguem quem a expressa, não encarceram quem está contra, há partidos, manifestações. Nas redes sociais invectiva-se e critica-se para todos os gostos e com todas as palavras, os ditadores, ou “o grande ditador” agradece. A barafunda traz a ordem, as agressões verbais acabam por desautorizar todo o mundo, as petições sobre tudo e sobre nada anulam-se, as notícias na televisão banalizam a anormalidade, as manifestações na rua e as greves tornam-se folclore citadino.

Houve em tempos quem dissesse “eles falam, falam, mas não dizem nada”. Dizem, mas o poder ignora por completo esses discursos. Para eles não são as palavras que contam, mas os números. Eles podem dizer o que quiserem, o importante é o sobe e desce nas Bolsas.

Escreve à sexta-feira